

VIOLÊNCIA ESCOLAR BULLYING E SUA RELAÇÃO COM OS VALORES NEOLIBERAIS

SCHOOL VIOLENCE BULLYING AND ITS RELATIONSHIP WITH NEOLIBERAL VALUES

Rafael Silva Santana⁶

Bruno Nunes Lima⁷

RESUMO: Na atualidade, a sociedade contemporânea tem vivido sob um modo de vida pautado nas visões e perspectivas do modo de produção capitalista e neoliberal, cujos valores incutem a meritocracia e a competição, que por sua vez inconscientemente nos leva a uma cultura de violência em diversos segmentos da vida, incluindo a escola. O objetivo deste trabalho é contribuir com a reflexão a respeito de ações violentas na escola e na sociedade. A metodologia trata-se de uma revisão da literatura e pesquisa documental quali-quantitativa. Os resultados demonstram que há um avanço do conhecimento da população brasileira a respeito da temática da violência, principalmente o bullying, o que pode estar atrelado a divulgação em meios de comunicação tradicionais, como Televisão e rádio, e também nas mídias digitais, por meio das redes sociais.

Palavras-chave: Ambiente escolar. Bullying. Neoliberalismo.

ABSTRACT: Nowadays, contemporary society has been living under a way of life based on the visions and perspectives of the capitalist and neoliberal mode of production, whose values instill meritocracy and competition, which in turn unconsciously leads us to a culture of violence in different segments of life, including school. The aim of this work is to contribute to reflection on violent actions at school and in society. The methodology is a literature review and qualitative and quantitative documentary research. The results show that there is an advance in the knowledge of the Brazilian population regarding the theme of violence, especially bullying, which may be linked to dissemination in traditional media, such as television and radio, and also in digital media, through the social media.

Keywords: School environment. Bullying. Neoliberalism.

INTRODUÇÃO

A violência em suas diversas formas de manifestação cotidianamente anunciada nos variados meios de comunicação choca-nos e transforma a todos em uma espécie de observadores desse trauma social (MULLER, 2007, p.11). Diante de tal situação, as violências que ocorrem no ambiente escolar têm chamado à atenção parte da sociedade na atualidade, suscitando uma possível relação entre o período de afastamento escolar devido a pandemia pelo SARS-CoV-2, os problemas

⁶ professor da rede pública no município de São Paulo, licenciado em História pela UNINOVE, em Pedagogia pela UNESP e estudante do curso Pós-Graduação lato-sensu em Docência no Ensino Básico - IFMG. E-mail: rafael.silvasantana@gmail.com

⁷ licenciado em Geografia e mestrando na mesma área pela UFAM, estudante do curso Pós-Graduação lato-sensu em Docência no Ensino Básico - IFMG e em Gestão Ambiental pelo IFAM. E-mail: brnunes.lima@gmail.com

enfrentados pelos estudantes em suas casas e o aumento da agressividade¹. Buscamos neste artigo outro caminho. Nossa proposição é a existência de uma relação entre as violências que ocorrem no ambiente escolar e o modelo de sociedade capitalista neoliberal que desenvolvemos. Partindo da análise dos dados do Atlas da Violência 2021, e da pesquisa FEBRABAN-IPESPE Bullying e Cancelamento: Impacto na Vida dos Brasileiros (2022), em discussão com um referencial teórico que analisa as transformações no sistema capitalista e suas repercussões na escola pretendemos tornar claro a ligação entre a escola, os valores da sociedade capitalista, (individualismo, competição, meritocracia) e a reprodução de suas violências no espaço escolar. Nosso objetivo é contribuir para uma reflexão pertinente na atualidade e propor caminhos alternativos que possibilitem repensar as ações violentas na escola e na sociedade.

VIOLÊNCIAS NOSSAS DE CADA DIA

“A violência é a matéria-prima da atualidade” (MULLER, 2007, p. 45). Com esta afirmação tem início o prefácio do livro *O princípio da não-violência*, uma trajetória filosófica - Jean-Marie Muller, de início, pode não parecer algo surpreendente para todos nós que convivemos com ela diariamente de forma quase que natural como se fizesse parte do que somos, porém, sem a devida reflexão sobre suas origens, motivações e consequências continuaremos sob um efeito de letargia, acordando vez ou outra, por uma de suas manifestações e logo retornando ao estado inicial. Uma breve observação no Atlas da Violência 2021², apesar da queda em alguns itens, nos dá suficiente segurança para dizer que a afirmação de Muller continua atual. O mesmo afirma que o termo “violência” é utilizado de diversas formas e tem diferentes significados que podem diferir entre si, revelando na linguagem escrita ou oral uma confusão no pensamento. Em continuidade Muller define o significado de violência que utilizaremos como referência:

Podemos, portanto, definir a violência retomando as afirmações de Kant em seu sentido literal: ser violento significa “servir-se da pessoa dos outros simplesmente como um meio, sem considerar que os outros, como seres racionais, devem sempre ser respeitados ao mesmo tempo como fim (p.31).

Passaremos agora a atribuir sentido às violências que ocorrem no ambiente escolar para então buscar suas relações com o modelo de sociedade de caráter capitalista neoliberal.

O entendimento acerca das violências que ocorrem no ambiente escolar remonta um passado e a construção de um saber que a brevidade deste texto não poderia aprofundar, sendo assim, optamos pela definição contida na publicação Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial - Unesco, 2019: “A violência escolar inclui a violência física, psicológica, violência sexual e o bullying; é praticada e vivenciada por estudantes, professores e outros funcionários da escola” (p.14).

E pelo entendimento acerca do bullying como “... uma forma de violência. Um comportamento intencional agressivo e recorrente contra uma vítima em situação que há um desequilíbrio de poder real ou percebido” (p.15).

Enguita (1989), examinando as relações sociais que imperam na educação e sua correspondência com as relações sociais de produção capitalista escreveu:

Na escola, como na produção capitalista, minha liberdade não começa, como reza o ditado, onde termina a liberdade dos demais, mas onde termina seu poder, o que neste caso quer dizer fora da instituição. A eficácia na imposição desta relação social do aluno com o conteúdo de seu trabalho não precisa esperar a vida de trabalho para se fazer evidente. A maioria das crianças e jovens aprende logo a não perguntar por que tem que aprender isto ou aquilo. Logo aceitam que, a esse respeito como a outros, estão submetidos a uma vontade alheia (p. 171).

Nas formas de produção de riqueza construídas a partir da exploração do trabalho que compreendem o outro (trabalhador/estudante) apenas como um meio e não como um fim em si, estabelecem em seu interior uma série de relações, entre elas a que envolvem poder e submissão, que buscaremos evidenciar.

Em continuidade com a discussão sobre as causas dessas violências alguns autores tendem a privilegiar os fatores externos em relação aos internos o que de certa forma “...amenizaria a responsabilidade do sistema escolar, tanto diante do próprio fenômeno quanto do seu combate” (ABRAMOVAY; RUA, p. 29).

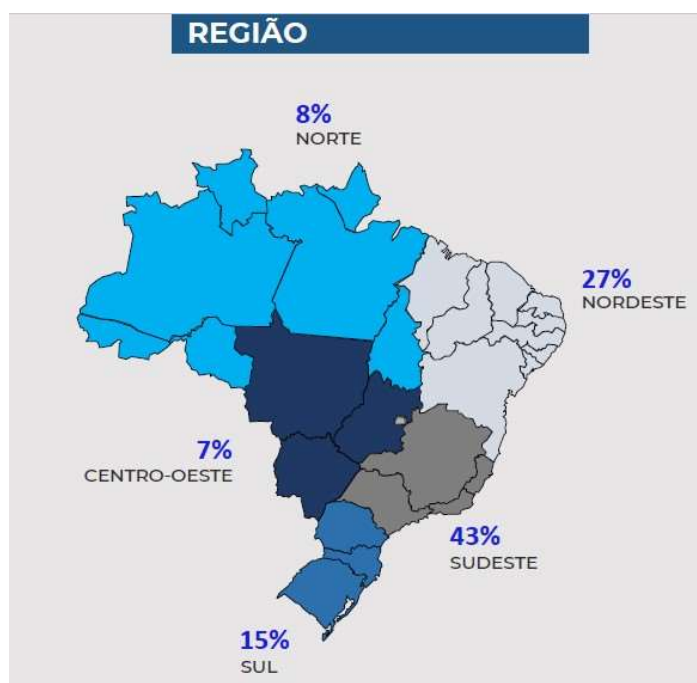
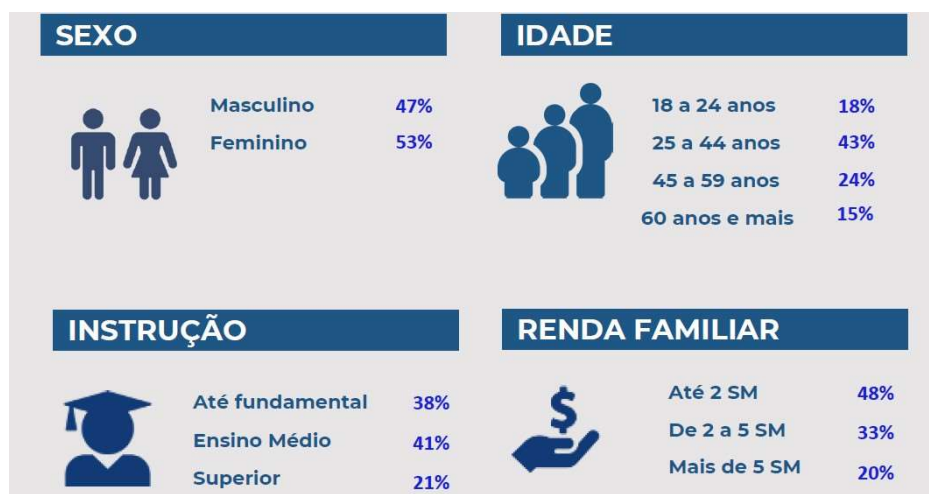
Nossa proposta de estudo, ao buscar uma possível relação entre o modelo de desenvolvimento econômico pautado no capitalismo de ordem neoliberal, ou seja, um fator externo, não perderá de vista a Instituição Escolar e a forma que ele (sistema econômico) dá à ela (escola), conforme Enguita (1989):

Por que o capitalismo foi tão capaz de dar forma à escolarização é algo relativamente fácil de compreender. Em primeiro lugar, as grandes empresas capitalistas sempre exerceram uma grande influência sobre o poder político, quando não foram capazes de instrumentalizá-lo abertamente. Em segundo lugar, além das autoridades públicas foram apenas os "filantropos" recrutados ou auto-recrutados entre as fileiras do capital os que puderam promover de fundos um grande número de iniciativas privadas e, de preferência, como é lógico, as que mais se ajustavam a seus desejos e necessidades. Em terceiro lugar, os supostos beneficiários das escolas ou os que atuavam em seu nome sempre viram estas, essencialmente ou em grande medida, como um caminho para o trabalho e, sobretudo, para o trabalho assalariado, aceitando, por conseguinte, de boa ou má vontade, sua subordinação às demandas da empresas. Em quarto lugar, as escolas, como organizações que são, têm elementos em comum com as empresas que facilitam o emprego das primeiras como campo de treinamento para as segundas. Em quinto lugar, as empresas sempre apareceram na sociedade capitalista como o paradigma de eficiência e gozaram sempre de uma grande legitimidade social, seja como instituições desejáveis ou como instituições inevitáveis - exceto em alguns períodos de agitação convertendo-se assim em um modelo a imitar para as autoridades educacionais. E, em último lugar, mas não por sua importância, convém recordar que as escolas de hoje não são o resultado de uma evolução não conflitiva baseada em consensos generalizados, mas o produto provisório de uma longa cadeia de conflitos ideológicos, organizativos e, em um sentido amplo, sociais (p. 131).

Talvez, seja por essas relações que entidades como a Federação dos Bancos Brasileiros - Febraban, promova estudos e pesquisas sobre as violências no ambiente escolar e suas consequências, com o objetivo "... de se tornar uma fonte de informações sobre as perspectivas da sociedade e o potencial impacto econômico-financeiro, ouvindo a população e estimulando o debate em diversos setores". Ou seja, as violências que ocorrem no ambiente escolar podem impactar o futuro econômico, uma vez que, estamos falando de pessoas que ingressarão, cedo ou tarde, no mercado de trabalho. Passamos agora a análise desses dados.

BULLYING E CANCELAMENTO: IMPACTO NA VIDA DOS BRASILEIROS

A pesquisa realizada pela FEBRABAN-IPESPE (2022), entre 21 de maio e 02 de junho, reuniu em amostra nacional 3.000 entrevistas entre adultos de todas as regiões do País com estabelecimento de cotas entre sexo, idade, localidade, instrução e renda. A margem de erro estimada para estudos dessa proporção é de 1.8 pontos percentuais para mais ou para menos e com estimativa de confiança de 95,5%. A distribuição conforme os dados:



Fonte: FEBRABAN-IPESPE (2022, p.4)

Partindo do entendimento de que Bullying e Cancelamento estão presentes no vocabulário cotidiano, midiático, na pauta de empresas e no ordenamento jurídico a pesquisa buscou avaliar qual o conhecimento dos brasileiros sobre essas questões, saber possíveis confusões no entendimento sobre brincadeira e bullying, compreender se o cancelamento é entendido como controle social, considerar possíveis consequências do bullying, cyberbullying, do cancelamento e descobrir quem são as principais vítimas e agressores, além de entender como a sociedade tem trabalhado na prevenção e punição. A fim de tornarmos nosso estudo menos extenso, nosso olhar terá como foco o bullying e a região sudeste por dois motivos: ser a região

mais rica e industrializada da federação. Partimos do entendimento sobre o bullying com base no primeiro parágrafo do Art 1º da Lei Federal nº 13.185 de 6 de novembro de 2015, como:

“(...) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

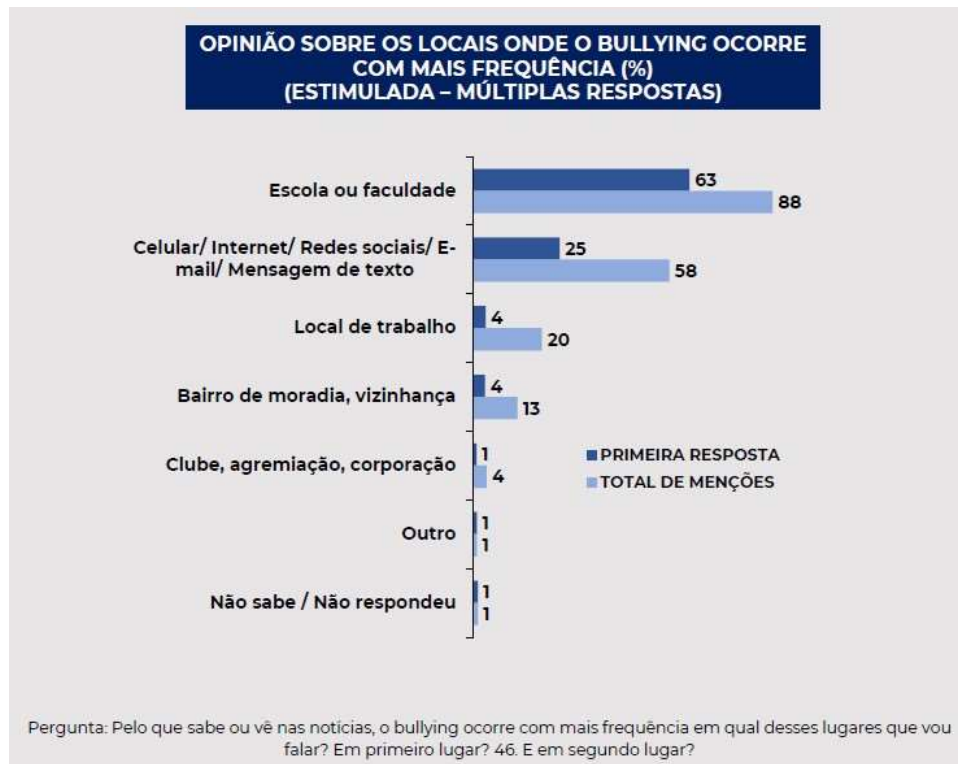
E na definição de Manzini; Branco (2017): “O bullying representa situações de violência repetitiva e intencional em uma relação em que há desequilíbrio de poder”. (p.17) Ambas em sintonia com o estabelecido pela pesquisa FEBRABAN-IPESPE (2022).

Quando o assunto é o local onde o bullying ocorre com mais frequência independente da região, o ambiente escolar aparece em primeiro lugar passando os 60% de menções, chama à atenção a região sudeste com maior percentual 66% (p.21). A escola é a instituição que terá grande influência em nossas vidas e local que frequentamos por grande parte dela, talvez por isso, seja lembrada pela maioria como ambiente no qual o bullying ocorre com maior frequência.

"A escola é a primeira instituição à que se incorporam as crianças, descontando a família, a que ocupa o período que medeia entre a exclusividade desta e o trabalho e, de qualquer forma, a escolarização representa seu primeiro contato com um instituição formal e/ou burocrática, com uma organização. Por conseguinte, é nela onde crianças e jovens fazem a primeira experiência do trato regular com estranhos, do trato com outras pessoas fora dos laços de parentesco ou da comunidade imediata” (ENQUITA, 1989, p. 158).

Um aspecto importante do estudo é a menção ao ambiente de trabalho como possível local da prática de bullying em perguntas estimuladas que poderia indicar uma permanência dessa prática para além da escola o que para os empresários configura algo preocupante por dois motivos: O primeiro, são as consequências para o funcionário que é vítima resultando em licenças médicas, baixa produção, processos trabalhistas, impactando diretamente os resultados da empresa. O segundo, refere-se a perdas econômicas de uma população que fará parte do mercado de trabalho. Conforme relatório sobre a situação mundial produzido pela Unesco:

“O impacto econômico da violência contra as crianças e adolescentes é substancial. Estima-se que só no Brasil a violência entre os jovens acarrete o custo de aproximadamente 19 bilhões de dólares por ano, dos quais 943 milhões podem estar associados à violência na escola” (UNESCO, 2019, p. 30).



Fonte: UNESCO (2019, p. 21)

Todavia, qual seria a relação entre as práticas violentas identificadas com primazia no ambiente escolar e o modo de desenvolvimento econômico capitalista neoliberal? Jean-Marie Muller nos dá um indicativo ao lembrar da expressão “violência estrutural” cunhada por Johan Galtung que tem como sentido definir “a violência gerada pelas estruturas políticas, econômicas ou sociais que criam situações de opressão, exploração ou alienação. Em continuidade, mas agora se apoiando na máxima de Kant diz: “...o homem, em situação de opressão, exploração ou alienação, é tratado unicamente como um meio e não considerado um fim em si” (MULLER, 2007, p. 32). Nesse sentido, sem a devida reflexão sobre como essas “violências estruturais” operam em cada um de nós e na sociedade como um todo continuaremos apenas a ver a ponta do iceberg (bullying), sem precisar sua real profundidade. Porém, cabe à

instituição escolar cumprir um importante papel, é no seu interior onde se operam relações que preparam os indivíduos a aceitarem e incorporarem sem conflitos as relações de produção da sociedade (ENGUITA, 1989, p. 191).

Uma sociedade como a nossa construída com base em várias violências e produtora de desigualdades históricas sentidas na atualidade faz com que vários grupos sociais, principalmente os menos favorecidos, enxerguem na escola a via para a mobilidade social, sem questionar quais valores ela (re) produz e que Enguita (1989); bem identificou:

Na realidade, a escola é hoje o principal mecanismo de legitimação meritocrática de nossa sociedade, pois supõe-se que através dela tem lugar uma seleção objetiva dos mais capazes para o desempenho das funções mais relevantes, às quais se associam também recompensas mais elevadas (p. 192).

Nessa lógica, não é de se admirar que muitos sejam tidos como descartáveis e a escola lembrada como lócus principal da prática do bullying.

Outro dado levantado pela pesquisa buscou saber qual seria a motivação mais comum para quem pratica o bullying, é curioso notar, a “Busca de popularidade” e “Afirmar seu poder” como as mais citadas na região sudeste.

MOTIVAÇÃO MAIS COMUM DE QUEM PRATICA BULLYING (%) - PRIMEIRA RESPOSTA -						
MOTIVAÇÃO (%)	TOTAL	REGIÃO				
		NORTE	NORDESTE	SUDESTE	CENTRO-OESTE	SUL
Busca de popularidade	25	31	24	24	22	26
Afirmar o seu poder	22	16	20	24	22	21
Apenas brincar sem pensar nas consequências	18	20	19	16	19	21
Fazer valer suas opiniões como as melhores	9	5	8	11	10	10
Reforçar a identidade do seu grupo	9	10	11	9	9	8
Não há motivação aparente	8	4	8	9	8	6
Nenhum desses	1	2	1	1	1	1
Outro	2	2	3	2	4	4
Não sabe / Não respondeu	5	10	5	5	5	3

Pergunta: na sua opinião, desses itens listados, qual é a motivação mais comum de quem pratica bullying? EM 1º LUGAR? E em segundo lugar?

A escola, seja ela pública ou privada, coloca-nos frente a um outro diferente do nosso círculo de convivência familiar, logo se as relações nesse ambiente estiverem pautadas pela lógica das relações econômicas, a busca por poder, aceitação e popularidade resultarão em violências e porque não dizer bullying? De acordo com MULLER, 2007: “O que está em jogo nos conflitos que opõem os homens geralmente é o desafio do poder” (p.19). Ou, conforme Enguita (1989):

Os alunos encontram-se, pois, na seguinte situação: embora sejam tratados e igualados como membros de categorias e coletivos, embora vivam em uma proximidade física com seus colegas que só é superada em alguns transportes públicos e embora estabeleçam com eles relações cuja duração só é superada pelas relações familiares mais imediatas, devem considerá-los e tratá-los como a estranhos, se não como a elementos hostis (p. 198).

Foi Michel Foucault quem identificou na modernidade uma forma de organização que denominou de “sociedade disciplinar” e de um tipo de poder que chamou de “microfísica do poder” que se disseminavam pelas instituições sociais, entre elas, a escola.

Não é demais insistir que, mais do que qualquer outra instituição, a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando novas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna (VEIGA-NETO, 2004, p. 84).

Conforme a pesquisa demonstrou as relações de poder e busca por popularidade são entendidas pela maioria dos entrevistados como motivação para quem pratica bullying, porém existe um fator importante nesse processo, o individualismo. Entendido como prática que nos descaracteriza enquanto grupo social em busca da realização pessoal em detrimento do coletivo. A escola envolta em uma dinâmica de controle e disciplina cumpre a funcionalidade de uma máquina que produz “corpos dóceis”, capazes de serem moldados, operando em todos que nela ingressam um tipo de subjetividade (VEIGA-NETO, 2004, p. 84-86). Na mesma direção, Enguita (1989):

A outra face do tratamento formalmente igual de crianças e jovens é o ignorar suas identidades coletivas, ou os elementos coletivos de sua identidade. Ao ignorar suas características próprias, sua pertinência a grupos sociais específicos ou a subculturas particulares, a escola interpela-os como sujeitos isolados e os força a se comportarem e a agirem de forma individualista. As fraturas, as relações de poder e dominação e os conflitos sociais que têm sua base na estrutura social global e nas identidades coletivas dissolvem-se assim, aparentemente, em um mare magnum formado por incontáveis comparações e lutas inter-individuais e frustrações pessoais (p. 193).

Socializar com base no individualismo faz com que não seja possível ver no outro um igual e quando aliado a competição não é de se estranhar que a busca pela afirmação de poder e popularidade estejam entre as mais lembradas quando o assunto foi a motivação para a prática do bullying.

Chama à atenção outro dado revelado pela pesquisa, em pergunta estimulada com múltiplas respostas os entrevistados terão que dizer em qual das situações mencionadas caracterizaria a prática do bullying.

(%)	TOTAL	REGIÃO				
		NORTE	NORDESTE	SUDESTE	CENTRO-OESTE	SUL
Agressões que visam humilhar ou ridicularizar alguém diante de outras pessoas	74	78	68	75	77	78
Agressões repetitivas, verbais ou físicas, na intenção de ofender ou ferir alguém	64	64	59	67	60	63
Conflitos entre aluno e professor ou gestor escolar	10	7	8	11	12	11
Conflitos entre patrão e empregado	9	6	9	9	9	10
Uma discussão ou briga pontual entre duas ou mais pessoas	8	6	8	9	10	8
Um conflito ou discussão que foi resolvido logo em seguida	3	4	2	3	7	3
Nenhuma	5	4	6	5	2	4
Não sabe / Não respondeu	2	2	3	1	6	2

Pergunta: Pelo que sabe ou ouviu falar, quais dessas situações podem ser caracterizadas como "bullying"?

Em todas as regiões a identificação do bullying como "Agressões que visam humilhar ou ridicularizar alguém diante de outras pessoas" e "Agressões repetitivas, verbais ou físicas, na intenção de ofender ou ferir alguém", são as mais escolhidas. É interessante notar como a maioria dos entrevistados identificou nas respostas citadas um entendimento próximo de Manzini; Branco (2017):

A prática do bullying não é recente e, na língua portuguesa, pode ser descrita, de maneira sumária, como submeter alguém com quem se convive em um contexto específico a repetidos episódios de perseguição, violência ou humilhação (p. 8).

Outro ponto, é a identificação do bullying como "Conflitos entre aluno e professor ou gestor escolar" com 11 menções e "Conflitos entre patrão e empregado" com 9. Utilizando a descrição feita por Manzini; Branco (2017); citada acima, identificamos na convivência um fator determinante, pois, essas relações não estão restritas à escola, mas em todos os locais da sociedade onde estabelecemos relações de convívio. É na dinâmica das relações sociais que somos colocados frente a outros

que pensam, sentem e agem de forma diversa da nossa, logo estaremos diante de um impasse, e por que não em conflitos? De acordo com Muller (2007); “O conflito é, portanto, um elemento estrutural de qualquer relação com os outros e, por conseguinte, de toda vida social”. (p. 20) Todavia, ele não precisa nos destruir, conforme pretendemos demonstrar mais adiante. O que desejamos salientar neste momento é, que as relações que construímos socialmente impactam todos ao nosso redor.

Nessa dinâmica social, em relação à educação das crianças, frequentemente prevalecem o individualismo e os valores competitivos, e não há uma especial preocupação ou consideração pelas demais pessoas. Às vezes, até mesmo no ambiente familiar, a competição e a indiferença estão presentes, minando as interações afetivas entre os seus membros (MANZINI; BRANCO, 2017. p. 55).

A escola em seu papel de socializar crianças, jovens e adultos promove os valores do sistema econômico, entre eles, a competição. Não estamos surpresos que a identificação do bullying com ações que visam humilhar, ridicularizar, agredir verbalmente, ou fisicamente com vistas a ferir alguém estejam tão próximas de eventos sociais como as partidas de futebol, reuniões de condomínio, discussões políticas etc. Novamente, Enguita (1989), identificou o objetivo ao socializar com base na competição e no individualismo:

Socializar hoje sistematicamente as crianças no individualismo, na competição e na falta de solidariedade é preparar o terreno para que amanhã se lhes torne difícil erigir outro gênero de relações entre eles e, em particular, para que não sejam capazes de agir de forma solidária frente a seus empregadores. A submissão às relações de produção capitalistas encontram um obstáculo não apenas na ação solidária de todos os trabalhadores, mas o encontram também, é notável, na organização formal de apenas uma parte dos ocupados - os sindicatos, que por outro lado apresentam a contrapartida de sua própria burocratização e inserção nas relações existentes, e outras relações que, por exemplo, propicia a resistência passiva à aceleração do ritmo de trabalho. Desta perspectiva entende-se melhor a relevância para a escola, não apenas de impedir que a turma escolar aja como uma vontade coletiva, mas também de destruir ou neutralizar os pequenos grupos de amizade que se formam em seu interior (p. 199).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa completa demonstrou que os brasileiros nas quatro regiões têm avançado na compreensão de vários tipos de violências, principalmente o bullying. Sem dúvidas, os temas tratados por ela têm ganhado força na atualidade principalmente quando ganham as manchetes de jornais e outros meios de

comunicação que associam o aumento da violência ao período pandêmico, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas e o aumento da agressividade. Todavia, não levam em consideração que estamos inseridos em uma “cultura da violência”, conforme Muller (2007): “As violências que marcam a atualidade têm explicações baseadas no contexto econômico e político em que ocorreram; porém, todas têm origem no que se pode chamar de “cultura da violência” (p.11). E, nesse sentido, existe uma relação entre as violências que ocorrem no ambiente escolar, entre elas o bullying, e o modelo de sociedade capitalista neoliberal que desenvolvemos. A escola como demonstramos cumpre um papel importante na sociedade, o de afirmação dos valores capitalistas neoliberal: meritocracia, individualismo e competição. Não é de se estranhar que em períodos de crise como a que vivemos, na qual, desemprego, fome, mortes, quebra de vínculos sociais afetivos e da afirmação dos valores neoliberais nos coloquem em disputa que resultam, principalmente na escola, em práticas de violências como o bullying. Estamos propensos a concordar Manzini; Branco (2017); quando analisam a questão da violência como resposta a uma situação determinada:

Ao analisarmos a questão da violência, relacionando-a ao bullying, observamos que, muitas vezes, as crianças e jovens em situações escolares adversas (opressoras, desinteressantes ou com professores agressivos, negligentes) podem encontrar no bullying uma forma de expressar sua insatisfação com o sistema educacional. Contextos escolares que ameaçam necessidades humanas básicas, como autoconceito, esperança de dias melhores e criatividade, dentre outras, contribuem para o desenvolvimento de atitudes individualistas e agressivas entre os alunos, sendo o bullying uma forma de superar, aparentemente, sentimentos de inferioridade à medida que alguns colegas são eleitos como alvo de perseguição e rótulos pejorativos (p. 56).

Nesse momento é importante tornar evidente que a escola em seu papel de socializar todos que nela ingressam não pode ser entendida como mero fantoche do sistema econômico ou estatal. Simplesmente porque nela estão inseridos seres humanos dotados de inteligência, sentimentos, preferências, experiências, expectativas que reagem a ela (ENQUITA, 1989, p. 218). Essa relação se dá de forma conflituosa, em alguns casos, de forma desordenada ou mediada, pois estamos falando de seres que existem na relação com o outro (MULLER, 2007, p. 18). É por isso que os conflitos que ocorrem dentro e fora dela precisam ser analisados e entendidos à luz da “cultura da violência” conforme definição: “...quando, sob efeito da influência social, os indivíduos orientam seu comportamento privilegiando a violência

como meio normal de defender sua comunidade ante as ameaças que pesam sobre ela” (MULLER, 2007, p. 12).

E, para além da análise e entendimento, aceitar que o conflito é constituinte de nossas relações e conforme falamos, não precisa ter como única resposta a violência.

A função do conflito é estabelecer um contrato, um pacto entre adversários que satisfaça seus respectivos direitos, e conseguir, por esse meio, construir relações de equidade e justiça entre indivíduos, na mesma e entre diferentes comunidades. O conflito é, portanto, um elemento estrutural de qualquer relação com os outros e, por conseguinte, de toda a vida social (MULLER, 2007, p. 20).

Diante disso, a comunidade escolar que se permitir a (re) pensar seus conflitos poderá propor outros rumos, talvez, uma nova socialização com base em valores construídos através da mediação. O livro, *Processos Circulares de construção de paz - Kay Pranis* - constitui, a nosso ver, uma transgressão necessária dos valores da sociedade capitalista.

Seus resultados são surpreendentes em escolas, onde cria um clima positivo em sala de aula ou no recreio, resolve problemas de comportamento, conflitos e estimula reflexões e troca de experiências. A experiência tem demonstrado que os jovens respondem muito bem quando são convidados ou quando aceitam o convite para participar de um Círculo. Ali aprendem a agir de acordo com os valores vivenciados (p. 11).

A busca pela mediação dos conflitos precisa evidenciar a sociedade violenta na qual estamos inseridos e suas reproduções, especialmente na escola, conforme buscamos demonstrar neste breve texto, porém, existe a necessidade de avançarmos para uma cultura de paz nos princípios da Justiça Restaurativa que busque o diálogo, acolhimento principalmente das vítimas, à reparação e construa novas relações de convívio, na qual, a prática da violência é rejeitada. Sem dúvidas, um trabalho urgente para todos que desejam escolas como espaços de convivência, humana, saudável e de aprendizado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.

ENGUIITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. trad. Tomaz da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FEBRABAN-IPESPE, 2022. **FEBRABAN-IPESPE**. A pesquisa completa pode ser acessada em: <<https://portal.febraban.org.br/pagina/3284/48/pt-br/pesquisa-observatorio>>

KAY, Pranis. **Processos Circulares de construção de paz**. trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.

FEBRABAN. Maioria dos Brasileiros vê aumento de Bullying e cancelamento, teme consequências e sente falta de ações de combate. **Imprensa Febraban**, 27 de junho de 2022. Disponível em: <<https://noomis.febraban.org.br/temas/educacao/maioria-dos-brasileiros-ve-aumento-de-bullying-e-cancelamento-teme-consequencias-e-sente-falta-de-acoes-de-combate>>. Acesso em 23 de Julho de 2022

MANZINI, Raquel Gomes. BRANCO, Angela Uchoa. **Bullying**: escola e família enfrentando a questão. Porto Alegre: Mediação, 2017.

MULLER, Jean-Marie. **O princípio da não violência**. trad. Inês Polegato. São Paulo: Palas Athena, 2007.

PALHARES, Isabela. **Casos de violências e ameaças aumentam 48% em escolas de São Paulo**. Folha de São Paulo, SP, 9 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/04/casos-de-violencia-e-ameacas-aumentam-48-em-escolas-de-sao-paulo.shtml>> . Acesso em 23 de Julho de 2022

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.